

ESTRUTURALISMO, HISTÓRIA E ASPECTO VERBAL

Sôbre a complexidade e o mistério do fenômeno lingüístico têm-se debruçado ao longo dos séculos gerações de estudiosos, movidos pelo edipiano desejo de decifrar mais esta esfinge. Não admira a variedade dos métodos postos em prática na abordagem dêste objeto, de si multimodo e plurifacetado, e a exigir, por fim, aquela variedade (1).

De início, o estudo do idioma buscou distinguir o uso correto do incorreto, fixando a norma. Não o fêz, porém, escudado na pura e simples observação dos fatos, isenta de preconceitos, senão procurando harmonizar a Gramática com a Lógica. Temos aqui os gregos e os franceses, êstes dos séculos XVI e XVII (Port-Royal).

Desde o último quartel do século XVIII vinha-se edificando a Gramática Comparada, definitivamente estabelecida no século XIX, por Franz Bopp (1816). Do Comparativismo para a História da Língua medeava um passo, pois bastava dispor cronologicamente os dados levantados. Surgiu, assim, o Historicismo, inicialmente nos campos onde mais larga cópia de material se recolhera, do que resultou o aparecimento da Lingüística Germânica e Românica, graças aos esforços de Jacob Grimm e Frederico Diez.

Novos movimentos se sucederam: o do Naturalismo Lingüístico de Max Müller e Hovelacque, para quem a vida da linguagem era comparável à dos seres biológicos; o dos Neogramáticos (Karl Brugmann, H. Osthoff, Herman Paul), de que resultou um rigor maior na disposição cronológica dos da-

(1) — Esta justificação é dada por W. von Wartburg: "Este carácter complejo de los fenómenos idiomáticos explica también en parte el gran cambio que se ha operado al correr de los tiempos en los esfuerzos del hombre para la comprensión del lenguaje". Cf. *Problemas y Métodos de la Lingüística*. Trad. de D. Alonso y Emilio Lorenzo. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1951, p. 5.

dos lingüísticos e a compreensão de que a evolução do idioma não se dá por si mesma, sendo antes um produto do espírito coletivo; a Fonética Experimental de Rousselot.

As primeiras atividades lingüísticas do século XX consistiram na oposição levantada contra a teoria dos Neogramáticos e na fundação da Lingüística Geral, destinada a apreender a teoria geral do comportamento lingüístico a partir da análise do imenso material pôsto à luz pelas pesquisas historicistas (2).

Surgem a Dialetoлогия, que teve na Geografia Lingüística seu verdadeiro método, e que valorizou a linguagem popular (Ascoli, Gilliéron) (3), a Psicologia Lingüística de Van Ginneken, o movimento de “Palavras e Coisas” de Karl Jaberg (4), o Idealismo Lingüístico de Karl Vossler (5), a Sociologia Lingüística de Antoine Meillet.

Entretanto, dentre todos os lingüistas desta fase, nenhum foi a continua sendo tão discutido como Ferdinand de Saussure, o genial mestre genebrino.

Adotando métodos positivistas e atacando os neogramáticos aos quais todavia deve muito, Saussure firmou suas cé-

(2) — O surgimento da Lingüística Geral parece ter causado certo mal-estar entre os filólogos: “Beaucoup de linguistes, accoutumés par leur éducation de philologues aux précisions rigoureuses et aux règles presque toujours nécessaires de la grammaire descriptive et historique, ne volent pas sans inquiétude une discipline qui ne détermine que des possibilités et qui, ne pouvant jamais épuiser les faits de toutes les langues à tous les moments, doit procéder par induction en s'appuyant d'une part sur certains faits particulièrement nets et caractéristiques, de l'autre sur les conditions générales où ces faits se produisent. La linguistique générale est dans une large mesure une science a priori, comme l'a bien vu M. Séchehaye par exemple. Mais quelles que soient les difficultés de la linguistique générale ainsi comprise et quels qu'en soient les dangers, on n'a pas le droit de refuser de la faire”. Cf. A. Meillet — *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris, Librairie Honoré Champion, Éditeur, 1958, p. 59.

(3) — Veja-se, a propósito, nosso comentário ao Atlas Lingüístico da Península Ibérica, publicado no n.º 3 desta revista.

(4) — Sobre este grande mestre suíço, leia-se o belo trabalho de Manuel de Paiva Boléo — *A Vida e a Obra de Karl Jaberg*. Coimbra, 1962 (Sep. da Rev. Port. de Fil., vol. X, 1960).

(5) — “...Vossler (...) tem a Lingüística como ciência do espírito e não como saber de inspiração materialista”. Cf. Silvio Elia — “O Idealismo Lingüístico”, in *Orientações da Lingüística Moderna*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1955, p. 83.

lebres dicotomias que têm sido alvo das críticas mais desencontradas e persistentes (6), desde que foi publicado seu famoso **Cours de Linguistique Générale** (1916).

A primeira dicotomia, **langue/parole**, êle a estabeleceu para definir melhor o objeto da Lingüística, ciência que deveria, a seu ver, pautar-se por uma grande precisão. Em consequência disto, o campo de suas atividades deveria ser igualmente bem estabelecido, donde a conceituação da **langue** como estrutura ou sistema de signos rigorosamente definidos pelas oposições e correspondências, infensas à instabilidade do individual, uma vez que êsse sistema tem uma existência apenas social.

A **langue** nós a herdamos como obra realizada e caracteriza uma coletividade humana à disposição da qual se encontra, não podendo, contudo, ser modificada pelo indivíduo.

A **parole**, ao contrário, é o uso individual, ocasional e isolado da **langue**, caracterizando-se por sua heterogeneidade.

O objetivo da Lingüística é o estudo da **langue**, porque só ela é sistemática; a **parole** será estudada por

“un conjunto de disciplinas que no tienen cabida en la lingüística más que por su relación con la lengua” (7).

Em conclusão,

“el estudio del lenguaje comporta, pues, dos partes: la una, esencial, tiene por objeto la lengua, que es social en su esencia e independiente del individuo; este estudio es unicamente psíquico; la otra, secundaria, tiene por objeto la parte individual del lenguaje, es decir, el habla, incluida la fonación, y es psicofísica” (*ibid.*, p. 64).

A segunda oposição saussuriana é a da diacronia e sincronia, e veio resolver um impasse surgido entre os lingüistas ao

(6) — Traduzindo o **Cours** para o espanhol, Amado Alonso fê-lo preceder de uma oportuna introdução que é também preciosa fonte para o entendimento do estado atual da questão saussuriana. E' escusado dizer que nos servimos dêsse trabalho para estas notas. Cf. “Prólogo a la edición española”, in Saussure, F. de — **Cours de Linguística General**, 2a. ed., Buenos Aires, Editorial Losada S. A., 1955, pp. 7-30.

(7) — F. Saussure, o. c., p. 64. Todo o cap. III do **Cours** deve ser lido quanto a isto (“Lingüística de la lengua y lingüística del habla”).

tempo em que a História da Linguagem derivara da Gramática Comparada: para os historiadores da língua a única abordagem científica do fenômeno lingüístico era a histórica, pois êste critério lhes parecia superior ao descritivo.

Saussure mostrou que descrição e história não passam de duas atitudes diversas ante a linguagem, e que a Lingüística está cindida em uma dualidade não encontrada em certas ciências como a Astronomia, por exemplo. Para demonstrá-lo, construiu dois eixos que se cortam ao meio, afirmando que sôbre êles se situam as coisas de que se ocupa a Lingüística. O eixo horizontal AB, chamado “eixo de simultaneidades” “concieme a las relaciones entre cosas coexistentes, de donde está excluída tôda intervención del tiempo”; no eixo vertical CD, “eixo das sucessões”, “nunca se puede considerar más que una cosa cada vez, pero donde están situadas todas las cosas del primer eje con sus cambios respectivos” (o. c., p. 147).

O eixo das simultaneidades contém os elementos da Lingüística Sincrônica, Estática, Descritiva, que estuda o sistema. O eixo das sucessões temporais constitui o objeto da Lingüística Diacrônica, Dinâmica, Histórica.

Firmada mais esta dicotomia, Saussure ataca um problema a ela relativo, e que veio a ser o ponto mais vulnerável de seu pensamento: afirma, com efeito, que não há relação alguma entre os eixos, pois não é possível estudar simultaneamente as relações que se estabelecem **no tempo** e as que se estabelecem dentro do **sistema**. E, mais, que dentre os estudos de diacronia e sincronia lingüística têm êstes a preferência, pois apenas a Lingüística Sincrônica é verdadeiramente “lingüística” (8).

Para documentar a importância maior da sincronia sôbre a diacronia, cita êste caso de formação do plural da palavra in-

(8) — La oposición entre los dos puntos de vista — sincrónico y diacrónico — es absoluta y no tolera componendas”. *Ibid.*, p. 151. P. 155: “Querer reunir en la misma disciplina hechos tan díspares sería, pues, una empresa quimérica. En la perspectiva diacrónica nos ocupamos de fenómenos que no tienen relación alguna con los sistemas, a pesar de que los conductonan”. E à p. 157: “La lengua es un sistema en el que todas las partes pueden y deben considerar-se en su solidaridad sincrónica”.

glêsa **foot**; a primeira forma de plural foi ***fōti** que evoluiu normalmente para **fēt** sem que, com isso, se alterasse o sistema, pois se modificou apenas um elemento dêsse sistema. Por outro lado, o que faz de ***fōti** e de **fēt** um plural é unicamente sua oposição a **foot**, e êste é um dado sincrônico. Em conclusão, o fato diacrônico da evolução ***fōti** > **feet** é meramente casual e está fora de qualquer intenção, enquanto que o fato sincrônico é significativo, intencional, pois coloca em relação dois termos simultâneos (9).

Com estas idéias Saussure lançou as bases do Estruturalismo, orientação lingüística de que é hoje o chefe incontestado. Essa corrente entende a linguagem como um sistema orgânico de elementos solidários que constituem entre si uma estrutura. O Estruturalismo se encontra atualmente representado pelas seguintes escolas:

a) Escola de Genebra, que reúne os nomes de Charles Bally, Alberto Secheyave e Henri Frei.

b) Escola Fonológica de Praga: Jakobson, Trubetzkoy e Trnka. Muito embora êste grupo estivesse constituído desde 1928, por ocasião do I Congresso Internacional de Lingüistas, somente se celebrou em 1932, graças à importância concedida à Fonologia da Escola de Praga pelo I Congresso Internacional de Ciências Fonéticas, celebrado em Amsterdão. A figura de realce do grupo é Trubetzkoy, com seus **Principes de Phonologie** (10). Essa Escola sofreu em sua história dois impulsos especiais, nos decênios compreendidos entre 1928/38 e 1948/58 (11).

(9) — *Ibid.*, pp. 151-157. Cf. espec. estas palavras: “Como las alteraciones jamás se hacen sobre el bloque del sistema, sino sobre uno u otro de sus elementos, no se pueden estudiar más que fuera del sistema. Sin duda, cada alteración tiene su repercusión en el sistema; pero el hecho inicial ha afectado a un punto solamente; no hay relación íntima alguna con las consecuencias que se puedan derivar para el conjunto. Esta diferencia de naturaleza entre hechos parciales y hechos referentes al sistema, impide de hacer de unos y otros la material de una sola ciencia” (p. 157).

(10) — Trubetzkoy, N. S. — **Principes de Phonologie**, trad. par J. Cantineau. Paris, C. Klincksieck, 1957.

(11) — Cf. Vachek, Josef — **Dictionnaire de Linguistique de l'École de Prague**. Utrecht-Anvers, Spectrum Éditeurs, 1960, p. 5.

c) Escola de Paris: André Martinet e Antoine Meillet.

d) Escola Estruturalista propriamente dita, de Copenhague: L. Hjelmslev, fundador da Glossemática, Uldall, Viggo Bröndal, Knud Togeby e T. Holt (12).

*

* *

As muitas críticas levantadas contra Saussure, partindo quer dos historicistas, quer de seus próprios discípulos, dirigiram-se contra as antinomias propostas pelo mestre. Elas atestam um esforço de neutralizar a rigidez positivista com a qual Saussure argamassou seu edifício lingüístico (13) mas, ao mesmo tempo, documentam as fundas dissensões que lavram entre os que se abeiram da obra saussuriana. Vejamos por alto uma e outra coisas.

1) Críticas à oposição diacronia/sincronia.

Os fonólogos de Praga, apesar de estruturalistas, discordam de Saussure quando êste afirma a mera casualidade da evolução fonética, no que, por certo, manifestava êle uns ressaibos neogramáticos.

Afirmam, em contrapartida, que a modificação fonética não se dá caprichosamente, antes se processa com vistas à estabilização e à reconstrução do sistema, patenteando uma função.

Sendo assim, não há porque opor fonologia sincrônica a fonética diacrônica: a explicação diacrônica fica incompleta se não se tiverem em conta as noções de sistema e função (14).

(12) — Cf. Carreter, Fernando Lazaro — *Diccionario de Términos Filológicos*. Madrid, Editorial Gredos, 1953, s. v. "Estructuralismo". Um resumo do pensamento de Hjelmslev aparece no cap. "O Estruturalismo" do livro cit. de Sílvia Elia, pp. 145-166.

(13) — Amado Alonso (o. c., p. 20, nota 1) colighu os passos que denunciam o método rigorosamente positivo de Saussure; a adoção desse princípio levou-o a descartar-se de tudo quanto fôsse, na linguagem, rebelde à sistematização. Conceituou, assim, uma *langue* abstrata, sem espírito, homogênea, fazendo dela o objeto da Lingüística, porque campo mais firme para as pesquisas.

(14) — Aliás, Saussure já colocava ao lado da evolução fonética desagregadora a eficácia reconstituidora da analogia: "De lo dicho resulta que el fenómeno fonético es un factor de trastorno. A no ser que cree alternan-

Desfaz-se desta maneira a dicotomia lingüística sincrônica/lingüística diacrônica, pois que ambas coisas se interpenetram; tentaremos demonstrá-lo através do exemplo português adiante estudado;

Sabe-se que as vogais breves latinas evoluíram para vogais abertas portuguesas, passando as vogais longas a fechadas. Com o abrandamento do *ī* e *ū* tivemos o seguinte quadro:

$$\begin{array}{l} \bar{e} \searrow \\ \bar{i} \nearrow \\ \bar{e} > \end{array} \begin{array}{l} e \\ \end{array}$$

$$\begin{array}{l} \bar{o} \searrow \\ \bar{u} \nearrow \\ \bar{o} > \end{array} \begin{array}{l} o \\ \end{array}$$

Há casos anômalos, porém, em que essa tendência fonética não se observa, tendo surgido diferentes modos de explicá-los. Enumeremos por ora os tais casos:

īsta > esta	mētū > medo
īpsa > essa	Pētrū > Pedro
*accu+illa > aquela	sērru > serro
formōsa > formosa	nōvu > novo
fōrma > forma	ōvu > ovo
copiōsa > copiosa	cōrpu > corpo

Segundo voz geral, a evolução anômala das vogais do radical dessas palavras se deve à ação da metafonia, que consiste no fechamento ou abertura da vogal conforme seja fechada ou aberta a vogal final do vocábulo. Assim, *nōvu* teve a vogal do radical fechada por causa do *-u* (metafonia no masc. sing.), enquanto que *formōsa* sofreu abertura da mesma vogal por causa do *-a* (metafonia no fem. sing. e pl. e no masc. pl.).

cias, en todas partes contribuye a relajar los nexos gramaticales que unen las palabras; aumenta inútilmente la suma de las formas; el mecanismo lingüístico se oscurece y se complica en proporción a lo que predomina las irregularidades nacidas del cambio fonético sobre las formas agrupadas en tipos generales; en otros términos en proporción al predominio de la arbitrario absoluto sobre lo arbitrario relativo. Afortunadamente, el efecto de esas transformaciones está contrapesado por la analogía. A ella corresponden todas las modificaciones normales del aspecto exterior de las palabras que no son de naturaleza fonética". O. e., p. 260.

Esta é a explicação de J. Huber (15), José Joaquim Nunes (16), Silveira Bueno (17) e Holger Sten (18).

Dentre os que se aproximam da explicação que nos parece mais completa e que será exposta linhas adiante, destacamos Edwin B. Williams e Serafim da Silva Neto.

O primeiro, após explicar as evoluções anômalas pela metafonia, analogia e “simulação de metafonia” (19), abeira-se da razão que se me afigura mais aceitável, ao dizer: “Em português a metafonia não é um fenômeno fonológico independente, está indissolúvelmente associado com a flexão” (o. c., § 100, 1).

O segundo, de início, justificou uma evolução do tipo *mêtu* > *meço* apenas por metafonia, “que é, afinal, manifestação do fechamento” (20); posteriormente, retomando o problema, abre uma perspectiva nova que, contudo, não explorou em sua plenitude (21), escrevendo: “não há dúvida (...) de que no

-
- (15) — Huber, Joseph — *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1933, §§ 85, 2; 87, nota; 93, 2. Agradeço aos meus colegas Dr. Bell e Pe. Laga o me haverem traduzido êsses passos.
- (16) — Cf. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, 3a. ed., Lisboa, Livraria Clássica Editôra, 1945, p. 241.
- (17) — Diz que o plural de *ôvo* é metafônico, mas já vimos que a metafonia ocorreu no singular, com as palavras dêsse tipo. Cf. *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1955, p. 129.
- (18) — Cf. *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, Einar Munksgaard, 1944, pp. 37-40.
- (19) — Cf. *Do Latim ao Português*, trad. por A. Houaiss. Rio de Janeiro, MEC, INL, 1961, § 126, 7 e 8 B. Um resumo das principais tentativas de explicação do caso em foco pode ser encontrado nos §§ 123, 6 A e 145, A. Nota-se em tôdas elas uma insegurança explicável por se limitarem os autores aí arrolados exclusivamente aos recursos da Fonética Histórica. A segunda edição, saída no ano seguinte ao da tradução brasileira (da 1a. ed.) nada acrescenta; cf. *From Latin to Portuguese*, 2nd. ed. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1962.
- (20) — V. *Fontes do Latim Vulgar*, 3a. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1956, p. 93.
- (21) — Com efeito, explica o fechamento do *e* breve de *serru*, *testu*, *Petru* por causa da vogal *-u* final (cf. *História da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1952, pp. 194-195), e a abertura do *o* longo de *formosa* por causa do *-a* final (p. 192). Entretanto, diante da manutenção da norma fonética em palavras como *ferru*, *quaternu*, *hibernu*, e outras, onde *o* e *e* breve do radical deu vogal aberta em português, não advertindo que tais vocábulos não possuem feminino (*e*, portanto, não têm necessida-

curso da história da língua se estabeleceu uma alterância ô/ó, capaz de identificar o gênero” (o. c., p. 193). E mais além: “De qualquer maneira, o fato é que se criou no português a oposição ê (masc.) — é (fem.); ô (masc.) — ó (fem.). Estabeleceu-se, dessa maneira, por motivos diacrônicos, uma consciência fonológica” (ibid., p. 196).

Como facilmente se depreende da nota 21, não serão os critérios diacrônicos os únicos capazes de explicar a fuga à tendência fonética verificada em palavras do tipo **nõvu** > **nôvo** e **formõsa** > **formosa**; efetivamente, a justificação pela ação da analogia e metafoia fica reforçada e completada se observarmos a oposição funcional **masculino singular** (vogal fechada) / **feminino singular e plural e masculino plural** (vogal aberta) / **neutro** (fechamento da vogal **e** > **i** e **o** > **u** ocorrido nos pronomes), oposição essa edificada dentro da língua. Venham exemplos.

de da oposição fonológica masc./fem.), explica assim aquela manutenção: “Como em tudo o mais que diz respeito à língua, os fatos não se apresentam com a visão simplística de rigidez matemática”. (Ibid., p. 195).

Vê-se, pelo quadro acima, que a explicação do desvio fonético pela metafonia (23) se esclarece e completa quando apreendemos a oposição funcional masculino singular/feminino singular e plural e masculino plural/neutro, êste verificável nos pronomes (24).

Algumas palavras fogem a êsse princípio: **môço, todo, lôbo, espôso, rôto, roxo, gordo**.

Pôsto que nada exista de absoluto em linguagem, deve-se tentar uma explicação para o fato, após um rigoroso levantamento da totalidade dos casos, objetivando a datação do momento em que se principiou a fazer a oposição funcional mencionada (24a).

Não o faremos nesta oportunidade; anotemos apenas, marginalmente, que, dispondo tôdas as palavras aqui citadas segundo uma ordem cronológica (25), obtém-se o seguinte:

ANO	FAZ OPOSIÇÃO	NÃO FAZ OPOSIÇÃO
919	pôrto (26)	—
957	—	môço
965	—	lôbo

(23) — Williams (§ 100, 4-7) dá um quadro bastante claro da ação metafônica: “O a final abriu o *ɛ* tônico para *ɛ̃*: *ĩstam* > *ẽsta* > *ẽsta*. O a final abriu o *o* tônico para *õ*: *formõsam* > *formõsa*. O o final fechou o *ɛ* tônico para *ɛ̃*: *mẽtum* > *mẽdo* > *mẽdo* e fechou o *ɛ* tônico para *i*: *ĩpsum* > *ẽsso* > *isso*. O o final fechou o *o* tônico para *õ*: *fõcum* > *fõgo* > *fõgo* e fechou o o tônico para *u*: *tõtum* > *tõdo* > *tudo*”.

(24) — Damaso Alonso, anotando a tradução dos *Problemas y Métodos de la Lingüística*, de Wartburg, coligiu casos idênticos existentes no romeno e asturiano, à p. 309, nota 89.

(24a) — Um estudo paralelo da oposição verbal como/comes concorreria também para o esclarecimento da constituição dêsse sistema.

(25) — Fiamos nas datações propostas por José Pedro Machado em seu conhecido *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa, Editorial Confluência, 1952-1959. Não é preciso recordar aqui a precariedade dessas datações, quando todos sabemos que uma considerável parte da literatura portuguesa medieval se acha ainda inédita.

(26) — Schürer supõe uma forma pré-literária ditongada *puort, antes da forma fechada moderna. Apud Kurt Baldinger — *La Formación de los Dominios Lingüísticos en la Península Ibérica*, trad. de Emilio Lledó e Montserrat Macau. Madrid, Editorial Gredos, 1963, p. 27.

967	porco	_____
977	horto	_____
1008	_____	todo
1024	avô	_____
1082	corpo	_____
1105	_____	gordo
1107	morto	_____
1141	nôvo	_____
1152	_____	espôso
1258	_____	roxo
1269	ôvo	_____
1279	grosso	_____
1279	corvo	_____
1200 ?	fogo	_____
1473	fôso	_____
1400 ?	jôgo	_____
1517	osso	_____
1603	_____	rôto

Das 22 palavras relacionadas, apenas 7 desconhecem a oposição, agrupando-se entre os séculos X e XII, séculos durante os quais é manifesta a indecisão: cf. **pôrto**, **porco**, **forno**, **horto**, **avô**, **corpo**, **morto** e **nôvo**, entrados para a língua também nessa época. Do século XIII a XVI, as palavras registram a oposição funcional com uma única exceção: **rôto**; pode-se então construir esta hipótese: a oposição masc. sing./fem. sing. e pl. e masc. pl./neutro é recente.

Quando ao vocábulo **môço**, tudo são controvérsias, a começar pela origem: segundo Antenor Nascentes (27), foram propostos os seguintes étimos: **mustu**, **musteu**, **mutz**, **mucidu**; relativamente a **todo**, não apresenta o fem. sing. e pl. e masc. pl. com vogal aberta, mas, em compensação, tem um neutro em oposição ao masc.: **tudo**. E, o que é importante para a hipótese aqui formulada, êsse neutro é tardio, data de meados do século XVI, registrando-se escassos exemplos da forma **tudo** antes des-

(27) — **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, 1955, s. v. **môço**.

sa data: 1262 (Huber, § 97) e século XIV (Pedro Machado, s. v. **todo**).

Não desejamos, é bom insistir, estender a hipótese proposta a outros casos, pois que êste assunto é merecedor de análise mais acurada. Objetivamos apenas, com êste excurso, documentar com um caso português a harmonia existente entre a abordagem histórica (diacrônica) e a descritiva (sincrônica) do fenômeno lingüístico (27a).

Notam-se, mais recentemente, esforços no sentido de aplicar à Gramática Comparada os recursos do Estruturalismo: veja-se o estudo de A. Martinet — “Linguistique Structurale et Grammaire Comparé” (28), em que a noção fonológica de “marca” é aplicada a um caso de morfologia verbal diacrônica. Leia-se, em especial:

“Si, pour illustrer la contribution que peut apporter la linguistique structurale aux recherches de grammaire comparé, j’ai choisi de traiter, dans ce qui précède, de la notion de marque, c’est surtout parce qu’elle se fonde sur les rapports mutuels de deux unités, rapports qu’on peut isoler, sans trop d’artifice, du reste du système. Mais je ne voudrais pas terminer sans marquer que ce que le comparatiste doit chercher dans la linguistique structurale, ce ne sont point des outils préparés par d’autres à son usage et qu’il devrait pouvoir utiliser dans changer grand chose à son comportement traditionnel, mais bien de nouvelles habitudes de pensée qui lui permettront de hiérarchiser les faits, non point selon un arbitraire personnel ou national, mais selon les indications de l’objet-même de la recherche. Ceci le délivrera de la tyrannie du détail, source de stagnation, de la crainte qu’on éprouve parfois devant la multitude et l’enchevêtrement formidable des faits de langage, car, sur le fond confus des données brutes, se dégageront les traits essentiels de la structure offrant, pour la recherche ultérieure, un cadre adéquat à l’objet”.

(27a) — Leia-se o cap. III da obra citada de Wartburg (“Relaciones mutuas entre la Lingüística Histórica y la Lingüística Descritiva”): “De esta suerte, la lingüística, en una nueva fase de su evolución, se convierte en historia de la estructura idiomática” (p. 299).

(28) — Trabalho inserto nos *Travaux de l’Institut de Linguistique*, vol. I. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1956, pp. 7-21.

K. Horálek, da Escola Lingüística de Praga, marcha ao lado de Martinet, dizendo:

“Les partisans de l'École linguistique de Prague... non seulement n'ont pas nié la possibilité de la linguistique historique, mais... au contraire ils se sont efforcés de l'approfondir en se basant sur les connaissances de la structure du système de la langue... D'après leur conception, le structuralisme était caractérisé précisément par l'effort d'éliminer l'opposition entre la linguistique historique (diachronique) et la linguistique descriptive (synchronique)” (29).

Por fim, há aquela afirmação decorrente de estudos de Godel e Buyssens pela qual Saussure “était avant tout un diachronicien” (30). A impossibilidade de consultar êsses autores impede-nos, infelizmente, de apreciar êsse parecer em sua extensão.

2) Críticas à oposição *langue/parole*.

Após estabelecida a oposição *langue/parole*, Saussure afirma que apenas a *langue* constitui objeto da lingüística, pois apenas ela tem uma existência autônoma, independente. Demonstra-o analisando o circuito da fala (Curso, p. 54 e ss.), estabelecido entre duas pessoas, A e B:

- a — No cérebro de A forma-se um conceito associado a uma imagem acústica.
- b — O cérebro transmite a ordem de execução aos órgãos fonadores e articulatórios e êstes a cumprem.
- c — As ordens sonoras vão da bôca de A ao ouvido de B.
- d — Em B, a excitação corre do ouvido ao cérebro.
- e — No cérebro, associação psíquica da imagem com o conceito correspondente.

Para Saussure, a *langue* se situa neste último momento, pertencendo o restante da atividade ao campo do individual e do meramente físico e fisiológico.

(29) — Cf. o citado *Dictionnaire de Linguistique de l'École de Praga*, s. v. “Linguistique Historique et Structuralisme”.

(30) — Apud M. de Paiva Boléo, o. c., p. 5, nota 4.

Surgem aqui as críticas a esta compreensão da **langue**, pois se tem entendido que o individualismo localizado pelo mestre genebrino no momento **a-** é o mesmo encontrado no momento **e-**, sede da **langue**; efetivamente, associar a imagem acústica ao conceito, vale dizer, **compreender**, não é tarefa meramente mecânica, passiva. Objeta Amado Alonso que no ato da compreensão se dá um processo de acomodação do material que se vai recebendo, pois “el acto de la comprensión supone una conciencia activa, una actitud como de sintonización con la actividad creadora del que habla, una respuesta psíquica adecuada” (o. c., p. 25). Sendo assim, se no momento **e-** reside a **langue**, concluímos que ela não pode existir sem a **parole**, deslocando-se, com isto, o centro da lingüística daquela para esta, fato reconhecido até pelo “fiel Sechehaye” (*ibid.*, nota 1 da p. 26).

Resolvidas as dicotomias sincronia/diacronia, **langue/parole**, eliminou-se a rigidez do sistema de Saussure e valorizou-se o que há de espiritual e histórico na linguagem, conforme diz Amado Alonso:

“...la diacronía tiene no menor dignidad científica que la sincronía, y la acción del espíritu preside todo el funcionamiento y toda la historia de la lengua. Si la lengua es un sistema, quién sino el espíritu de los hablantes lo ha hecho sistemático y lo mantiene como tal? Si todo cambio se origina en un hablante individual y se cumple mediante su adopción por la colectividad hablante, cómo podrán los cambios ser ciegos, inconscientes e involuntarios, qué sino la voluntad expresiva, qué sino la conciencia idiomática, quién sino el espíritu — con iniciativa intencional o por abandono — los ha podido iniciar, empujar y cumplir? Si la “lengua” como sistema sólo se pone a funcionar cuando el “habla” con su **plus** de dar sentido es el motor, quién sino el espíritu del hablante es ese motor, quién sino el espíritu del oyente reconstruye el sentido concreto que con ayuda del sistema se expresa?” (o. c., p. 29).

*

* *

Uma falsa visão da questão saussuriana seria dada se deixássemos entender que o deslindamento das antinomias veio a encerrá-la; provando a atualidade dêsse homem nada sensível à notoriedade trazida pela letra de fôrma, pois coube aos seus alunos a edição do *Cours*, Eugenio Coseriu, em trabalho bastante conhecido (31), propõe uma nova discussão do problema, ponderando que “não existe sob o ponto de vista teórico um acôrdo geral entre os estudiosos, nem mesmo entre os mais puramente saussurianos e nem sequer entre os discípulos mais diretos do mestre, acêrca dos conceitos de *langue* e *parole* introduzidos na Lingüística por Ferdinand de Saussure” (32). Vale a pena transcrever aqui as razões dêsse desentendimento, segundo Coseriu:

“As divergências entre as várias concepções devem-se sobretudo à diversidade dos critérios adotados e dos planos sôbre os quais se estabelecem as respectivas oposições. Alguns estudiosos permanecem sôbre o plano das determinações externas da linguagem e opõem, portanto, o seu aspecto “individual” ao aspecto “social”, o aspecto “psico-físico” ao aspecto puramente psíquico, o aspecto instrumental ao aspecto institucional. Outros descem ao plano da própria morfologia da linguagem como sistema de signos e opõem, portanto, o aspecto assistemático e ocasional ao aspecto sistemático e constante, ou a vária e múltipla atualização concerta à unicidade do sistema abstrato. E outros, finalmente, procuram atingir a própria essência da linguagem e opõem por isso o fato cognoscitivo em si à intuição individual, aos esquemas convencionais que se impõem à sua expressão; a originali-

(31) — “Sistema, Norma e Fala”. Comunicação enviada ao VI Congresso Internacional de Lingüistas. Coimbra, 1960 (cito por uma tradução do italiano feita pelo Prof. José Herculano de Carvalho, de que possuo exemplar mimeografado).

(32) — O. c., p. 3. Infelizmente o VI Congresso Internacional de Lingüistas mostrou-se vacilante em outros pontos também, a nos fiarmos no parecer de um dos congressistas: “Ce congrès a montré à quel point les fondements mêmes de la linguistique sont ébranlés, témoin les divergences profondes d’opinion relatives aux notions les plus fondamentales de la linguistique telles que mot, morphologie, syntaxe et semblables”. Cf. Francis Mikus — “En marge du Sixième Congrès International des Linguistes”, in *Miscelânea Homenaje a André Martinet. Estructuralismo e historia*, vol. I. Canarias, Universidad de La Laguna, 1957, p. 160.

dade expressiva à suposta uniformidade comunicativa, ou a manifestação concreta à faculdade, a atividade ao “produto”. E não importa que tais conceitos possam apresentar-se com bastante freqüência equivalentes pelo que respeita à extensão, porque a verdade é que com igual freqüência não o são e que não raro o que é *langue* numa concepção é *parole* noutra, e vice-versa”. (o. c., pp. 4-5).

E mais adiante:

“As incoerências inerentes às várias concepções de-vem-se a uma série de razões, entre as quais principalmente: 1) o fato de que as distinções se estabelecem quase sempre sôbre a base de uma linguagem abstrata, aprioristicamente concebida como entidade orgânica que se manifestaria, simultânea ou alternadamente, sôbre diversos planos; 2) a tendência a considerar *langue* e *parole* como duas realidades autônomas e nitidamente distintas, isto é, como objetos e não como conceitos, não como construções mentais aplicadas a uma única realidade concreta, com a finalidade de melhor a analisar e compreender; 3) a interferência entre diversos critérios e diversos pontos de vista, com a conseqüente oposição entre planos não-correlativos; e 4) a insuficiência mesma da dicotomia (que, ou não esgota a complexa realidade da linguagem e das suas múltiplas determinações, ou tem necessariamente de reunir sob um mesmo conceito aspectos na realidade heterogêneos), ou, para melhor dizer, o desenvolvimento freqüentemente unilateral e insuficiente de certas sugestões, bastante significativas e fecundas, que, na nossa opinião, podem encontrar-se, explícitas ou implícitas, na própria obra de Saussure”. (ibid. pp. 6-7).

Igualmente restritivo se mostra L. Jenaro Maclennan, em recente estudo intitulado **El Problema del Aspecto Verbal** (33) onde, a propósito da propagação do conceito de aspecto verbal, tôda a problemática do **Cours** é retomada, passando-se em revista as opiniões até aqui emitidas.

Consta a obra de cento e cinqüenta páginas densas de ensinamentos e distribuídas por quatro capítulos (além da Intro-

(33) — **El Problema del Aspecto Verbal. Estudio Crítico de sus Presupuestos.** Madrid, Editorial Gredos, 1962.

dução), assim nomeados: Pressupostos Contraditórios, Conflitos entre Descrição e História, Fontes das Teorias e Dissolução do Problema.

A Introdução é um esboço do livro; começa por assinalar que a maior dificuldade que êle deverá enfrentar será a tradição, “pero tradición en este caso es caos” (p. 7); mostra como a noção de aspecto descoberta por Curtius em seus estudos sobre o grego antigo se estendeu às línguas modernas, através do esforço de Delbrück, sem que, entretanto, se examinasse melhor a validade dessa translação. O estudo do conjunto de especulações em torno do aspecto então iniciadas é o objeto deste livro, que não examinará propriamente o **aspecto** em uma língua dada (p. 8).

Maclennan acha que a revisão do conceito de aspecto em sua atual compreensão implica na própria revisão do que é **lingüística** (p. 9), pois F. de Saussure, querendo fugir às especulações extralingüísticas, prescreveu como objeto da **Lingüística** a língua considerada em si mesma e por si mesma, caindo, com isto, no mesmo engano: segundo pensa o Autor, a **lingüística da langue** saussuriana é extralingüística também (p. 13).

O cap. I historia a fortuna que desde logo favoreceu a implantação do princípio do aspecto, o qual, mal definido e mal compreendido, começou a ser investigado nas línguas mais diversas, especialmente no eslavo. Aqui,

“los ochenta y un años que median entre las investigaciones del aspecto verbal eslavo de Franz Miklosich y las de Hans Christian Sörensen son elocuentes: el aspecto verbal eslavo no ha sido resuelto, salvo en líneas muy generales, de un modo completo y unitario; pero las teorías son tan abundantes que han trascendido el tema para recaer en especulaciones de muy distinto carácter: son de suyo un cuerpo de **lingüística general**” (p. 15).

Com o surgimento, em 1916, do **Cours de Linguistique Générale**, os fatos lingüísticos passam a ser definidos como um sistema de oposições funcionais; por isso, também o aspecto

começou a ser entendido como um sistema de oposições (34). Tenta-se aproximar a oposição grega aoristo/presente da oposição eslava perfectivo/imperfectivo, mas isto só é conseguido, e parcialmente, no campo da significação, uma vez que os processos morfológicos de ambos os pares diferem substancialmente. A solução é o deslindamento dos dois conceitos assim emergentes, tarefa a que se dedicam Agrell e Koschmieder; opõe-se então **Aspekt**, que é a expressão da ação enquanto terminada ou em desenvolvimento, correspondendo a isto uma roupagem morfológica, a **Aktionsart**, expressão da ação enquanto realizada de certa maneira (iterativo, durativo, etc.) que é, em última análise, “algo que afecta más a la psicología que a la lingüística y que cae en el ámbito de la semántica” (p. 19; vj. também p. 60) (35).

Apesar dos descaminhos por que anda (e tem andado) o raciocínio gramatical, incapaz de delimitar as fronteiras concretuais do aspecto, cresceu extraordinariamente o número de estudos sôbre essa categoria em diversas línguas, e cresceu graças aos esforços dos seguidores de Saussure (p. 22).

Daqui a atribuir ao próprio Estruturalismo a culpa pelas incertezas que grassam no campo da conceituação do aspecto, distava um passo, dado pelo Autor com estas palavras: “las teorías sobre el aspecto pretenden conducir a un sistema ordenado elementos que quizá le sean refractários” (p. 321). Conclui que a natureza real do problema do aspecto está nos próprios postulados da ciência lingüística (p. 22).

Com o prosseguimento das investigações a respeito da natureza do aspecto no verbo eslavo, acredita-se, após os trabalhos de Meillet, Pederson, Jakobson e Holt, que ela se resume na indicação do término ou não término da ação verbal; des-

(34) — E' o procedimento adotado, por exemplo, por Paul Imbs: “On groupera les aspects deux par deux, suivant la méthode des oppositions, aujourd'hui courante en linguistique descriptive: inaccompli / accompli, duratif / ponctuel, imperfectif / perfectif, inchoatif / terminatif. Cf. *L'Emploi des Temps Verbaux en Français Moderne*. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1960, p. 17.

(35) — Neste sentido, o aspecto é uma modalidade do modo: “Le mode exprime la manière dans laquelle l'action s'accomplit, c'est une forme de l'aspect” Cf. P. Guiraud — *La Grammaire*. Paris, PUF, 1961, p. 31.

consideram-se as noções de pontualidade e momentaneidade, pois, como demonstrara Sörensen, “los verbos perfectivos pueden designar acciones relativamente largas en la duración” (p. 23). A seguir, o mesmo Sörensen introduz um novo conceito, o de alimitação, zona neutra entre o término e o não término da ação.

Para clarificar o emaranhado das noções, acha o Autor conveniente resumir a questão: três ordens de pensamento caracterizam a tradição gramatical que estudou o aspecto: o ponto de vista **histórico** (Curtius e o aspecto verbal grego), o **funcional**, derivado da influência saussuriana e que consistiu em se encarar o problema do ângulo das oposições, e o ponto de vista das **significações ou das noções semânticas** (Aktionsarten), que se afastam do plano estrutural da língua. Ora, esta última concepção acarretou uma contradição com os pressupostos do saussurianismo, pois desloca a questão para fora da **langue** (que é sistema), objetivo primário da Lingüística. Ela representa, também, um esforço de apreensão do que há de mais histórico nas línguas, que é aquêle algo inapreensível, “en donde es más fácil entrever los hechos que verlos propiamente” (p. 27; ler também p. 28). À medida em que o conceito de **Aktionsart** se firma, nega-se que a Lingüística deva estudar a língua em si mesma e por si mesma, e insiste-se na valorização do que ela tem de histórico. E nós já vimos que o Autor defende esta condição da língua.

Assim esquematizadas as três faces do problema, volta Macclennan a lembrar o seu desvirtuamente, refazendo a caminhada do conceito de aspecto, como segue: em 1873, Curtius, estudando o verbo grego, notou que havia algo além da noção temporal nas sete formas temporais surgidas de quatro temas fundamentais. Dessarte, a distinção entre o mais-que-perfeito e o imperfeito e entre o perfeito e o presente não decorre da noção de tempo, e sim de uma terceira noção, a que chamou aspecto. O aspecto, portanto, é conceito aplicável a **temas verbais**; no curso da sua hipertrofia, servirá para explicar peculiaridades mais da psicologia da linguagem que da estrutura morfológica:

“lo que debiera de haber quedado en una investigación de las formaciones morfológicas verbales en el dominio y lengua concretos de que se había partido, quedaba relegado para dar paso a estériles disquisiciones sobre las zonas semánticas de la expresión verbal” (p. 30).

Tudo partindo do grego, embora entre os próprios helenistas não houvesse um critério uniforme sobre a estrutura do sistema do aspecto (p. 37).

Do grego, bandeou-se o conceito para o latim, pela mão de Meillet, que opôs os temas **uide/uid**, com a ressalva apenas de que se trata de **formas cuja função** de aspecto se perdera (36).

Burger levou a noção de aspecto para as línguas românicas, sendo criticado, pois se viam nos exemplos por êle aduzidos (respigados ao francês arcaico) casos estilísticos distanciados ainda de uma gramaticalização. O problema se desvirtuara, portanto, ao transcender os limites puramente lingüísticos.

Não tardou muito que também se estudasse o aspecto no velho eslavo. Como isto se deu pode-se ver de pp. 40 a 54, onde Maclennan historia as teorias levantadas a respeito. Em síntese, pode-se dizer que o problema central consiste na comparação da oposição grega aoristo/presente à oposição eslava perfectivo/imperfectivo (p. 47). Das controvérsias levantadas

(36) — Vê-se pelo prefácio à 2a. edição da *Esquisse d'une Histoire de la Langue Latine* que Meillet foi criticado por Debrunner por haver insistido muito na oposição *infectum / perfectum* originando-se daqui estas palavras: “L'opposition de l'*infectum* et du *perfectum* qui, au début de la tradition, dominait le système du verbe latin, se trouve effacée à la fin de la période latine si bien que les langues romanes l'ignorent et que, pour rendre le “parfait”, elles ont dû créer les formes composées. L'élimination de l'aspect au profit du temps est l'un des traits qui caractérisent le développement des langues indo-européennes. La catégorie du temps a tendu à l'emporter sur la catégorie de l'aspect, c'est-à-dire, du développement du procès indiqué par le verbe. On ne s'arrêtera jamais trop sur ce fait. Si j'ai été conduit à insister, d'une manière qui semble provocante, sur des idées auxquelles je tiens, c'est que je me suis efforcé de présenter un système lié. Il me semble qu'il y a profit à procéder ainsi, au risque de donner au livre un caractère personnel propre à heurter le lecteur. Comme me l'a enseigné mon maître James Darmesteter, une franche erreur, qui appelle une correction nette, vaut mieux qu'une demi-vérité. Je me suis sans doute trompé plus d'une fois; du moins je n'ai pas cherché à le dissimuler en n'ayant pas le courage de mon opinion entière”. O. c., pp. XII-XIII; ver também p. 28 e ss.

sôbre o verbo grego e o verbo eslavo, conclui-se que o problema do aspecto verbal oferece duas direções para seu estudo: a) investigação do problema como objeto da semântica; b) pesquisa genética sôbre o tempo gramatical para ver como êle adquire uma significação plural, bimembre, com o surgimento do aspecto (p. 54).

O cap. II — “Conflitos entre Descrição e História” mostra como, após 97 anos de pesquisa em tôrno do aspecto, de Miklo-sich (1852) a Sörensen (1949), com a utilização de processos que vão desde o método expositivo, descritivo, histórico do primeiro até ao rígido estruturalismo do segundo, nada de positivo se edificou sôbre o aspecto eslavo; pelo contrário, a angulação do problema sob prismas teóricos diversos só serviu para pô-lo em crise e comprometer as próprias teorias (p. 56). Discute então o tratamento dispensado pelas gramáticas ao aspecto do verbo eslavo e polaco, resumindo as investigações à p. 62 e repisando, páginas além, que o têrmo “aspecto” é arbitrário (p. 69), pois, no dizer de Aillaut, o sistema gramatical do aspecto “reste tout encombré de sémantique” (p. 78). Para encerrar o capítulo, increpa uma vez mais ao saussurianismo o haver mascarado o fato lingüístico querendo explicar o funcionamento interno da linguagem através de uma descrição seccionada e fragmentária da realidade lingüística, sem a preocupação de sua formação histórica; a visão historicista, conclui, é mais totalizadora que a estruturalista e é capaz de propor problemas mais lingüísticos (pp. 79 e 82).

Todo o capítulo seguinte (pp. 84-125) é um longo dissecar do Estruturalismo, espécie de resenha de quanto escrito tem aparecido para opor restrições àquela tendência. Daqui a importância dêses capítulo pelo que representa de estado atual da questão.

Antes de entrarmos neste capítulo III, relembremos as críticas dirigidas por Maclennan ao Estruturalismo:

P. 9: “Al formular-se aquí el **Problema del Aspecto verbal: estudio crítico de sus presupuestos**, la cuestión se debate en un ámbito que afecta de lleno y exclusivamente a lo que desde los días de Saussure se viene

llamando **lingüística gneral**. Lo grave es que hasta esta misma denominación — **lingüística general** — es histórica y substancialmente endeble”.

P. 22: “Al interferirse en la investigación los dos conceptos — y toda la historia de la tradición aspectual se reduce a esto — dos órdenes distintos de la **lengua** quedan automáticamente interferidos. Pero no sólo esto: dos órdenes distintos de la **teoría general del lenguaje** quedan interferidos también. Y viniendo del campo de la **lingüística saussuriana** la parte más importante de las investigaciones contemporáneas sobre el aspecto, resulta que se registra una contradicción entre los postulados de esta escuela y los que se realizan para el aspecto verbal. **La crisis se opera en la ciencia lingüística**: se trata de un conflicto fundamental que afecta de lleno a las bases que Saussure otorgó a la lingüística y que tan capital importancia desempeñan en las teorías contemporáneas, sea bajo la dirección de las escuelas de Praga o la de Copenhague. Esta es la naturaleza real del problema”.

Pp. 27-28: “Desde Saussure a hoy se viene reprochando a la lingüística histórica no haber logrado más teoría del lenguaje que el mero acopio de materiales. Desde Saussure a hoy sólo se postula una ciencia del lenguaje entendida como lingüística de la **lengua**, formulada en parte como hipótesis de trabajo y en parte como reacción a una filosofía del lenguaje de naturaleza extralingüística. Pero lo cierto es que lo insoslayable del lenguaje es su condición histórica. La lingüística funcional se hace filosófica en algún sentido, desde el momento en que es una **teoría de la lengua**, y la **lengua** de Saussure no agota el problema primordial: estaba impedida desde su planteamiento en el **Cours de Linguistique Générale**. Aprovechando el material de la lingüística evolutiva y los presupuestos fundamentales de la pretendida ciencia de la **lengua**, cabe plantearse así la naturaleza del problema de “aspecto”. Es cuestión que trasciende al orden de la lingüística general y que intenta responder a una duda que formuló A. Martinet: si la ciencia de la **lengua** conviene realmente a la lingüística”.

P. 35, nota 51: “La rigidez que los estructuralistas confieren a las categorías gramaticales es inadecuada, ya que dan demasiada importancia a los sistemas de oposi-

ciones, sin atender a la coexistencia temporal entre sistemas que decaen y otros nuevos que los substituyen” (citação de Abrados).

P. 45: “Siendo el lenguaje una actividad esencialmente histórica, hay que resolver su fenomenología desde la propia historia lingüística”.

Pp. 74-75: “En efecto: el punto de vista de Milewski, con plena independencia de lo que pueda afectar de lleno a la eslavística, da pie para poner en duda la rigidez con que la lingüística moderna considera la naturaleza de las oposiciones funcionales”.

Pp. 79-80: “Pero sucede que el proceder de los estructuralistas pretende ser, y es para algunos, el procedimiento lingüístico por excelencia, puesto que la **lengua** inmanente de los estructuralistas es la “**lengua lingüística**”. Que, según los términos de Holt, el aspecto tenga sólo **rección homonexual**, mientras que el tiempo entre su **rección** simultáneamente **homonexual** y **heteronexual**, es algo indiferente al problema del aspecto verbal que plantea el eslavo o el griego. Es una consideración de carácter lógico que no pasa de ser una mera descripción propia de una gramática descriptiva. La naturaleza del problema y, sobre todo, su formación histórica, queda completamente al margen. Y es que, sin la explicación histórica, el problema no cobra dimensión, no adquiere pleno interés lingüístico”.

P. 81: “La dirección estructuralista recaba para si que su proceder sea legítimo lingüísticamente y que no lo sea todo punto de partida lógico e psicológico. Pero, a su vez, la concepción lingüística cuyo punto de partida es el considerar todo hecho de lenguaje como una entidad histórica, exigiendo a la historia la explicación de los fenómenos que puedan plantearse posteriormente en un plano de teoría general (Van Wijk, Vaillant, G. Devoto = concepción de la lengua como “*storia della lingua*”), parece estar en pugna, en contradicción con el procedimiento estructuralista”.

Estas citações, ainda que longas, servem de pano de fundo ao capítulo III e nos desvendam claramente a orientação historicista de Maclennan; pena que, ao longo de uma obra tão ricamente informada, nenhuma justificação se tenha feito às

múltiplas interpretações de Saussure, dadas como devidas “a la formulación imprecisa del CLG” (p. 114). Ora, é preciso não esquecer que o *Cours* foi redigido por Ch. Bally e A. Sechehaye, ex-alunos de Saussure, os quais declaram no prefácio à primeira edição:

“Todos cuantos tuvieron el privilegio de seguir tan fecunda enseñanza lamentaron que de aquellos cursos no saliera un libro. Después de la muerte del maestro, esperábamos hallar en sus manuscritos, obsequiosamente puestos a nuestra disposición por Mme. de Saussure, la imagen fiel o por lo menos suficiente de aquellas lecciones geniales, y entreveíamos la posibilidad de una publicación fundada sobre un simple ajustamiento de las notas personales de Ferdinand de Saussure combinadas con las notas de los estudiantes. Grande fué nuestra decepción: no encontramos nada o casi nada que correspondiera a los cuadernos de sus discípulos. F. de Saussure iba destruyendo los borradores provisionales donde trazaba día a día el esquema de su exposición! Los cajones de su escritorio no nos proporcionaron más que esbozos muy viejos, no sin valor, desde luego, pero imposibles de utilizar y de combinar con la materia de aquellos tres cursos”. (...) “Qué es lo que iríamos a hacer con ese material? Ante todo, se requería un trabajo crítico previo: en cada curso y en cada detalle del curso había que comparar todas las versiones para llegar hasta el pensamiento, del cual no teníamos más que unos ecos, a veces discordantes”. (37).

Inaceitável, também, seu parecer pelo qual “el hecho de que el CLG esté constantemente sometido a discusión y crítica prueba la fragilidad de la doctrina que contiene” (p. 119): já lá diz o povo com sua sabedoria que só se atiram pedras às árvores com frutos...

Maclennan começa por resumir brevemente a polêmica travada entre Buysens e Frei, seguindo-se-lhes J. Cantineau; entra em considerações sobre a dualidade **langue/parole**, anotando que

(37) — Cf. *Curso de Ling. General*, ed. cit., pp. 31 e 32.

“nos vemos abocados a pensar que la lengua resulta inaprehensible, no-experimentable, lo que compromete extraordinariamente la posición lógica de los asertos, difícilmente comprobables, de que “la lengua es un objeto que se puede estudiar separadamente”, “la lengua no es menos que el habla un objeto de naturaleza concreta”. Parece, pues, que “la distinción entre lengua y habla, además de admitir varias interpretaciones, no es real, sino formal y metodológica” (cit. de Coseriu)” (p. 92).

Insistindo na historicidade da **langue**, afirma o Autor que

“la dificultad de interpenetración se ha hecho patente al tomar como punto de partida el carácter social de la **lengua**, tantas veces postulado por Saussure. La ambigüedad de este concepto ha sido señalada por muchos estudiosos, lográndose resultados escépticos o estériles por el afán de cefirse ciegamente a los textos del CLG, en donde la **lengua** tiene, como dice T. B. W. Reid, “el grave defecto práctico de no ser definible” (pp. 99-100).

A seguir, examina o carácter positivo da **langue** e a frase que cerra o **Cours** (“la lingüística tiene por único y verdadero objeto la lengua considerada en sí misma y por sí misma”), geratriz dos movimientos lingüísticos caudatários e a que se chamou lingüística imanente, estruturalista, funcional e glossemática:

“No es la doctrina de Saussure lo que hereda, sino que, por un “saltus mortalis”, de la doctrina al tópicos de la misma, la lengua se hace “inmanente”, o “funcional”, o “estructural” como simple elemento descriptivo, desgajado del cuerpo de principios que lo hizo posible” (p. 112).

Agora são enumeradas as indecisões de Hjelmslev (p. 113) para, finalmente, concluir pela ilegitimidade da identificação de descrição a ciência e para reprovar a concepção da linguagem e sua fenomenologia com independência do que é inerente à sua natureza: a condição histórica (pp. 119-120).

O capítulo IV — “Dissolução do problema” — repassa os pontos nevrálgicos do pensamento saussuriano e formula as conclusões gerais (pp. 150-154):

1) O aspecto verbal aparece como um problema de estrutura dupla: a conferida pela própria lingüística interna e a conferida pela lingüística geral.

2) Mal definido, o aspecto verbal começou a ser estudado em outros campos, ultrapassando seus limites iniciais.

3) Assim que Saussure começa a exercer influência, seus princípios fundamentais são adotados sem a necessária crítica, do que resultou um corpo de doutrinas frágil.

4) O aspecto, sendo conceito morfológico, entrou em conflito com o de **Aktionsart**, que é conceito de natureza semântica. Esse conflito entre morfologia e semântica se agravou quando foi transportado para campos lingüísticos que jamais ilustraram a primeira noção de aspecto.

5) A lingüística, firmando-se cada vez mais em bases lógico-psicológicas (pôsto que pretendesse evitá-las), obistou a solução do problema através do estudo das formações históricas do aspecto em primeiro lugar, e de suas noções semânticas em segundo, derivando para indagações subjetivas e arbitrárias, conducentes ao obscurecimento do conceito dêsse mesmo aspecto.

6) A introdução do critério das oposições funcionais na questão do aspecto verbal foi responsável por sua redução a uma série de oposições, o que é ilegítimo.

7) As dificuldades que se criaram à conceituação de aspecto verbal são conseqüência do permanente conflito em que jaz a lingüística saussuriana.

*
* *

Concluindo estas notas, alinharemos duas observações, respeitantes ao livro de Maclennan: a primeira é que, apesar de todo o combate à visão do aspecto como sistema de oposições também êle (v. o item 6.º das Conclusões), não me parece destruída a oposição aspectiva em formas como **fêz/fazia**, por

exemplo. Em segundo lugar, por se tratar de livro de leitura proveitosa, dado o rico material bibliográfico e os importantes debates que encerra, seria de todo o ponto interessante que, numa próxima edição, fôsse o mesmo antecedido de uma tabela explicativa das siglas utilizadas nas citações bibliográficas. Evitar-se-á, com êsse cuidado, que uma sigla como **CFS** (p. 31, nota 33) venha explicada sômente à p. 86, nota 1: trata-se dos **Cahiers Ferdinand de Saussure**.

ATALIBA T. DE CASTILHO